

O Anti-Bozo: Imagens da resistência política, educacional e ecológica na Música Extrema brasileira entre 2013 e 2022

Rodrigo Barchi*

Resumo.

Este artigo parte de um levantamento realizado ao redor das imagens de capas de LP's, EP's e CD's das bandas de Música Extrema no Brasil, além daquelas figuras em cartazes de shows e festivais, entre os anos do início das manifestações de rua contra a governança do Partido dos Trabalhadores, até o último ano do governo de extrema direita no país. A imagem do palhaço Bozo aparece vinculada ao mandatário do Brasil entre os anos de 2019 e 2022, quando as políticas públicas e ações do poder executivo se voltaram e se propagaram principalmente contra os ambientalistas e os educadores brasileiros considerados de centro e esquerda. As ilustrações apresentam uma crítica radical realizada pelos artistas da Música Extrema condizendo com o seu caráter dissidente, libertário, anárquico e não alinhado institucionalmente às organizações político partidárias brasileiras.

Palavras-chave.

Música Extrema, política, educação ambiental, Brasil, imagens

Abstract.

This article is based on a survey carried out around the images on the covers of LP's, EP's and CD's of Extreme Music bands in Brazil, in addition to those figures on concert and festival posters, between the years of the beginning of street demonstrations against the governance of the Workers' Party, until the last year of the far-right government in the country. The image of the clown Bozo appears linked to Brazil's president between 2019 and 2022, when public policies and actions by the executive branch turned and spread mainly against environmentalists and Brazilian educators considered to be center and left-wing. The illustrations present a radical critique carried out by Extreme Music artists that is consistent with its dissident, libertarian, anarchic character and not institutionally aligned with Brazilian political party organizations.

Keywords.

Extreme Music, policy, environmental education, Brazil, images

* [Universidade de Sorocaba](https://www.unisocaba.edu.br/), Brasil.



To hell, we'll bring you fire,
so hollow be your name.
Shall history bury your fame and time
forget what you create.
You liar, Bastard, False messiah.
(Ao som de "False Messiah", 2017).

*Do grupo brasileiro de thrash metal
Violator.*

Do Bozo...

O palhaço Bozo foi uma figura quase que folclórica no imaginário brasileiro dos anos 80. Criado pelo empresário e ex-presidente da gravadora estadunidense Capitol, Alan Livingstone (McLellan, 2009), fez um enorme sucesso nas TVs dos Estados Unidos a partir do final dos anos 40, e no Brasil passou a ser exibido em 1980 pelo então recém-inaugurado canal tvs, que a partir de 1981 passaria a se chamar SBT, de propriedade do empresário e apresentador Sílvio Santos.

O estrondoso êxito do programa Bozo, no Brasil, se deu não somente graças ao palhaço e os personagens que lhes davam suporte – interpretados por uma série de artistas da televisão e cinema brasileiros – em palco e nos estúdios, mas também devido à diversidade de seriados infanto-juvenis e desenhos presentes na programação. Entre eles, as *sitcoms* mexicanas “Chavo del Ocho” e “Chapolin”, criadas por Roberto Bolaños.

Diversos atores vestiram a fantasia do palhaço Bozo entre 1980 e 1991 – período de maior repercussão e audiência do programa – e só seriam reconhecidos pelo público depois que o espetáculo foi cancelado. A vida de um deles foi dramatizada para o cinema nacional, mas devido às questões autorais, o filme que representou a vida de Arlindo Barreto acabou se chamando não Bozo, mas “Bingo, o Rei das Manhãs”. Película que no Brasil teve considerável repercussão, pois trazia a ascensão e queda, por bebidas e drogas, do artista que depois usaria a indumentária para pregações religiosas, em cultos de agremiações neopentecostais.

A figura deste artista circense na TV era muito chamativa, com sua roupa azul celeste, um babador azul claro com listras vermelhas, uma faixa vermelha na cintura e detalhes em branco, um gigantesco sapato comprido preto, e a maquiagem branca com a enorme boca em vermelho, assim como eram o nariz e o volumoso cabelo. Era um dos televisivos diários mais assistidos no Brasil, assim como os shows atraíam verdadeiras multidões em estádios, ginásios esportivos e outros espaços abertos. Mas a partir do início dos anos 90, os programas infantis comandados por jovens garotas passaram a atrair mais a atenção não somente das crianças, mas das próprias empresas interessadas nos produtos que as apresentadoras poderiam divulgar e ajudar a vender.



Após o cancelamento do show de TV, as aparições do palhaço ocorriam somente em programas de memória televisiva e nas participações dos artistas que o interpretavam em *talk-shows*. Um exemplo foi a presença de Arlindo Barreto em uma entrevista concedida ao vocalista da banda *hardcore* Ratos de Porão, João Gordo, no semanário disruptivo chamado “Gordo Agogo” (Gutmann, 2014), da extinta MTV Brasil, no qual o mesmo falou sobre seu vício em drogas e conversão espiritual. Além disso, a imagem do Bozo foi transformada em sátiras carregadas de humor negro e apelação sexual, como no caso da criação, pelo grupo humorístico brasileiro “Hermes & Renato”, do Palhaço Gozo, também da mesma MTV Brasil, conhecida por sua quase anárquica programação (Araújo; Sobrinho, 2011).

Uma série de pesquisas brasileiras no campo da comunicação e da mídia já abordaram tanto a produção de sentidos e a construção do imaginário coletivo do palhaço Bozo (Silva, 2015), quanto a própria veiculação do mesmo com marcas e mascotes de redes transnacionais de *fast foods*, em especial à utilização da figura de Ronald McDonald pela empresa McDonald’s, que depois viraria mascote da mesma (Fontenelle, 2002; 2006).

... às lutas contra o fascismo na Música Extrema

Por sua vez, e no caso específico do Brasil, a imagem do palhaço Bozo foi intimamente vinculada ao político de extrema direita Jair Messias Bolsonaro, destacadamente a partir da campanha eleitoral brasileira de 2018 (Silva e Cavalcanti, 2022). Este último, por sua vez, até então era somente conhecido como um verborrágico deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, cujos maiores prestígio e eleitorado eram os oficiais militares e grupos paramilitares. Suas posições cada vez mais radicais contra as perspectivas de esquerda, contra

os movimentos sociais e em defesa da ditadura civil-militar que assolou o Brasil entre 1964 e 1985, fizeram com que, especialmente a partir de 2010, tivesse uma crescente aparição em canais menores de televisão aberta, além de angariar cada vez mais seguidores e eleitores. Na eleição de 2014, foi o deputado federal mais votado no Rio de Janeiro, tendo cerca de 6% dos votos no Estado, com cerca de quatrocentos e sessenta mil eleitores.

Mas o nosso texto tem a intenção de recuar cinco anos antes da eleição de 2018, pois dois acontecimentos são necessários serem trazidos à tona, para que possamos deixar nítidas as razões pelas quais a exposição das imagens anti-Bolsonaro necessita ser discutida a partir de 2013, e não somente após 2018, quando o vínculo entre o nome Bozo e Bolsonaro se tornou amplamente popular.

A primeira ocorrência foram as manifestações de rua em 2013 que, se em um primeiro momento tinham a intenção de contestar o preço das tarifas de ônibus nas grandes capitais brasileiras, depois acabaram descambando para amplos movimentos da direita contra a governança do Partido dos Trabalhadores. A qual seria derrubada, ao mesmo tempo no qual o nome de Bolsonaro passaria a ser amplamente conhecido no país, como abordaremos adiante.

O segundo fato é o lançamento de um álbum, da banda de *thrash metal* da cidade de Brasília, chamada Violator. A capa do disco, chamado “*Scenarios of Brutality*”, lançado em julho de 2013 – um mês após as primeiras manifestações de rua no Brasil – traz a imagem, em primeiro plano, de um homem com a cintura para cima, vestido com a indumentária de militares brasileiros, sendo que metade da mesma é de cor azul – numa alusão à farda da Marinha – e a outra metade em verde – que representaria o Exército. Sobre este tronco, há três cabeças decrépitas, sendo aquela em primeiro plano a que utiliza o quepe verde,



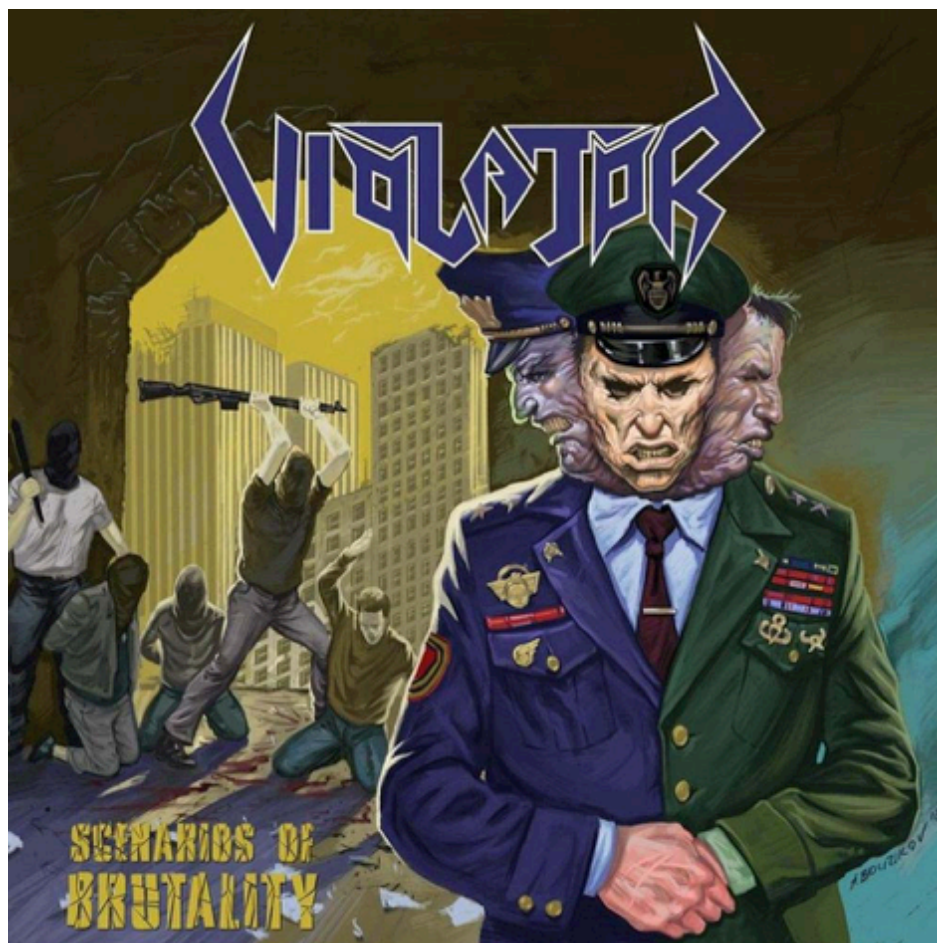
de oficiais superiores do Exército. A que está em segundo plano à esquerda utiliza o quepe azul da Aeronáutica. E a que está em segundo plano à direita, não utiliza quepe, sendo que a semelhança com o ex-presidente Bolsonaro é muito evidente, mas nunca anunciada oficialmente pela banda.

A capa ainda traz, ao fundo, dois homens armados e três homens de joelhos e amarrados, numa alusão à ação dos grupos de extermínio que existiam na ditadura brasileira, e até hoje são comuns nas periferias das maiores metrópoles do país, aludindo especialmente aos esquadrões da morte ligados às milícias paramilitares, cada vez mais

comuns e poderosas em Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Amazonas e Pará, entre outros.

Mas o embate direto e aberto entre muitos dos grupos e integrantes dos movimentos de Música Extrema contra os partidos e políticos da direita mais conservadora e o seu maior expoente no Brasil, Jair Bolsonaro, tem uma data muito específica: três de junho de 2016. Foi quando na página do Facebook do próprio Violator, publicou-se uma postagem do vocalista Pedro Arcanjo, no palco, com os dois braços erguidos, mostrando os dedos do meio, e cuja legenda estava: “Foda-se Jair Messias Bolsonaro!”¹.

Figura 1. Capa do álbum “Scenários of Brutality”, da banda brasileira de thrash metal Violator, lançado em julho de 2013.



Fonte: [Spotify Scenarios of Brutality](#)



De imediato, ocorreu uma avalanche de comentários, ou elogiando e apoiando a publicação pelo posicionamento e pela coragem, ou então ofendendo os integrantes e os ligando ao Partido dos Trabalhadores e a militância de esquerda. A banda não se omitiu e foi enfática em suas respostas, principalmente porque além da crítica constante que o conjunto, nas suas composições, faz às ditaduras e regimes totalitários, ainda havia o fato que menos de dois meses antes, durante o processo de votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, ao dar o voto pela cassação, o então deputado federal Bolsonaro elogiou, em rede nacional, o tenente Brilhante Ustra. Notório torturador, estuproador e assassino das e dos encarcerados pelo regime ditatorial brasileiro, não teve seus crimes julgados e nem foi punido, devido à Lei Geral de Anistia de 1979.

O episódio da postagem foi um divisor de águas no *underground* brasileiro, em especial no âmbito da Música Extrema mais vinculada aos conjuntos de metal, pois nunca uma situação daquela havia colocado em oposição tão acirrada os membros de bandas e dos frequentadores de shows e demais pontos de encontro.

Outro caso emblemático foi quando o grupo Nervosa, gravou para o álbum “*Downfall of Mankind*”, de 2018 – ano das eleições presidenciais que levaram Bolsonaro à chefia do Executivo Federal – a composição “Cultura do Estupro”, escrita pelo vocalista dos hardcore Ratos de Porão. Nela, além da denúncia sobre a sociedade violenta e machista no Brasil, havia uma acusação muito densa contra uma série de “anônimos de internet” que insistentemente caluniaram o conjunto, e não somente pelo fato da mesma ser formada só por

garotas. Aliás, a misoginia e a ridicularização das mulheres na cena metal brasileira sempre foi uma constante, como sugerem Oliveira e Brayner (2022), além de Bahy (2022), mas não era exclusivamente essa a questão. Foi principalmente o fato de as garotas constantemente denunciarem a violência e o discurso de exclusividade dos homens, senão no movimento, mas nos palcos. A canção, portanto, caiu como uma bomba, com uma série de apoiadores que adoraram o que foi exposto, mas também com a veiculação do discurso de ódio e preconceituoso presente na cena.

Nos anos seguintes, diversas bandas brasileiras de repercussão internacional, como Nervosa, Krisiun e até o próprio Violator, em seus shows, fizeram críticas pesadas a Bolsonaro, principalmente após assumir a presidência da República em janeiro de 2019. Isso só para falar das mais proeminentes, pois uma avalanche de conjuntos resolveu se somar ao grito contra a governança de extrema direita, aliada ao anarcocapitalismo, ao ultraliberalismo, ao militarismo e as agremiações neopentecostais. Quando não, apoiada por grupos neonazistas. Todos esses fundamentalismos sempre foram criticados e combatidos, desde os anos 80, pelo *underground* brasileiro e mundial, como bem expõe os trabalhos de Alcântara (2021), Tardelli Filho (2021), Scienza (2021) e Lopes e Melo (2022).

Por que Anti-Bozo?

Principalmente a partir das eleições de 2018, ocorreu uma associação dos nomes Bozo e Bolsonaro. Seja pela sonoridade semelhante entre o nome do palhaço e a junção das duas primeiras sílabas do nome do então presidente, BOLSONARO, seja pela tentativa de associação da imagem do chefe do Executivo aos maquiados artistas circenses e televisivos. Uma série de trabalhos publicados em periódicos científicos brasileiros trataram,

¹ Link da postagem: facebook.com/Violatorthrash/posts/foda-se-jair-messias-bolsonaro/



de alguma forma, esse alinhamento fonético e linguístico. Para Abraão e Souza e Garcia (2020), o fato de os opositores chamarem o ex-presidente brasileiro de Bozo, produzia – e ainda produz – uma atualização de sentidos, pois não somente transformaria a política em um programa de auditório ou mesmo em um circo, como também foi capaz de associar o sucesso do palhaço, nos anos 90, ao que os apoiadores de Bolsonaro sugeririam de “êxito” do mandatário.

A mesma perspectiva é compartilhada por Lima (2022), que sugere que a utilização da imagem do palhaço na representação do ex-presidente não seria somente negativa, mas sinal de que, tal qual o personagem da televisão, havia um amor e admiração popular pelo político. No entanto, conforme a pandemia de COVID-19 se alastrou pelo Brasil, e o mandatário propôs uma ação irresponsável junto ao poder público e à própria população – de recusa da pandemia, da livre circulação, da calúnia sobre as vacinas, máscaras e demais políticas de proteção à população –, as imagens vinculando o ex-presidente e o palhaço Bozo passaram a ser de constante achincalhamento e denúncia contra Bolsonaro (Lima, 2022).

Muitas conjunções, que associavam os dois personagens, passaram a ser construídas e utilizadas nas redes sociais, nos manifestos de rua, nas conversas cotidianas e até na imprensa. Mercuri (2022) lembra que antes da vinculação ao palhaço, já haviam numerosos neologismos utilizando o prefixo Bolso na construção de xingamentos e ofensas à Bolsonaro, como: BOLSONazi, em alusão à extrema direita; BOLSOfake, sobre as centenas de *fake News* durante a governança; e BOLSOLão, sobre

os escândalos de corrupção na gestão de Bolsonaro e a semelhança fonética o termo Mensalão, como foi chamado um dos esquemas de corrupção ocorridos nos governos do Partido dos Trabalhadores (2003-2016). Outro exemplo peculiar trazido por Mercuri (2022) é o termo BOLSominions, em alusão aos seguidores do ex-presidente tratados como os assistentes de Gru, o anti-herói do filme animado estadunidense “Despicable Me” (2010), que no Brasil foi traduzido para “Meu Malvado Favorito”.

O levantamento realizado por Gonçalves (2020) traz um primoroso inventário, com cerca de cento e cinquenta termos criados não somente com a utilização do nome Bolsonaro, mas também com o primeiro nome Jair, sendo eles tanto enaltecedores como depreciativos ao ex-presidente. Neste caso específico, o que mais circulou por parte dos apoiadores, em 2018, foi a frase “É melhor JÁ IR se acostumando”, sendo um dos principais slogans dos seguidores. Assim como do outro lado, na campanha de 2022, que culminou com a vitória do candidato opositor, Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, a música que embalou a campanha tinha como refrão “Tá na hora do JAIR,... JÁ IR² embora!”.

Mas aquilo que Gonçalves (2022) chama de (des) construção lexical com o nome do ex-presidente, foi realmente mais abundante com o sobrenome. Nas diversas dimensões da discussão política brasileira, criou-se uma quase infinidade de cruzamentos vocabulares, que mesclam ou as duas primeiras sílabas, uma riqueza de afagos e ofensas foram criadas. No primeiro caso, o termo BOLSomito é o que mais se popularizou. No segundo caso, aí os exemplos são abundantes, seja para com o próprio Bolsonaro, seja como os seguidores: BOLSONero, BOLSONazi, BOLSolixo, BOLSOasno, BOLSOburro, entre outras dezenas de neologismos. Assim como para as duas últimas sílabas, termos não faltam, como BostanARO, LixonARO. E, para

2 A utilização de letras maiúscula é de nossa alçada, para enaltecer e destacar o uso das formas ligadas ao nome do presidente e do palhaço Bozo.



o que nos interessa mais nas intenções deste texto, foi cunhado o chamamento BOZONARO.

Há uma série de termos levantados por Gonçalves (2020), com a utilização do nome do palhaço em

Figura 2 – Divulgação da camiseta satírica da marca Cavaleira, lançada no Brasil às vésperas das eleições presidenciais de outubro de 2018.



Fonte: estadao.com.br

³ Fundada em 1995 pelo empresário e ex-deputado estadual de São Paulo Alfredo Hiar “Turco Loco”, em parceria com o então baterista da banda de thrash metal Sepultura, Igor Cavaleira, que cedeu o nome à empresa têxtil, considerada hoje de alto padrão no Brasil.

junção aos termos construídos para depreciar Bolsonaro: BOZolixo, BOZOssauro, BOZOmala e BOZOnero, entre outros. Para os seguidores, BOZOlóide, BOZOgado, BOZOlândia e BOZOminions. Neste sentido, a utilização do termo Bozo, apesar da tentativa de associar ao sucesso e o carinho do público brasileiro pelo palhaço, acabou sendo transformada, majoritariamente, em um termo pejorativo para designar o presidente. Seja como provocação ou chiste, seja como forma de evitar pronunciar o nome daquele que, para muita gente, não precisava mais ser pronunciado ou nominado, ou ainda como modo de evitar mais propaganda, em tempos de algoritmos. Aliás, até o termo “inominável” foi usado para se falar ou escrever sobre ele.

A Música Extrema como Anti-Bozo: educação, meio ambiente e política

Feita a devida explanação sobre a íntima relação entre o nome Bozo e o ex-presidente da República do Brasil, podemos, portanto, trazer à tona os manifestos contrários ao governo de extrema direita realizados pela Música Extrema. Aliás, é a partir do mesmo berço na qual ela nasceu no Brasil que tanto Gonçalves (2020), quanto Lima (2022), sugerem que tenha surgido um dos vínculos iniciais do palhaço com o político. Em 2018, a marca de roupas Cavaleira³ criou e comercializou camisetas preta e brancas com os escritos “Vote Bozonaro”, com o número 66.666.

Ao centro da camiseta, a imagem do então candidato, maquiado com as mesmas feições do palhaço Bozo. O número 66.666, alude ao místico algarismo associado ao demônio, visto que o discurso de Bolsonaro, na candidatura, era de apagamento de tudo aquilo que não poderia ser considerado como o legítimo brasileiro: não-cristãos, povos originários, quilombolas, camponeses, movimento sociais, ecologistas, LGBTQIAP+, entre outros grupos que



não se enquadravam naquilo que a extrema direita sugeria como “cidadã de bem”.

É necessário frisar que as questões ecológica e educacional estavam no centro do debate. Em relação à primeira, Bolsonaro e seus seguidores fizeram uma constante ridicularização e escrutínio públicos, associando-a com um devaneio de esquerdistas e vegetarianos que eram contra o desenvolvimento e progresso do país. Tanto que uma das primeiras ações após a sua posse, foi a extinção de uma série de diretorias de meio ambiente e educação ambiental, criadas nos anos 90 para atender às políticas públicas então criadas, e ampliadas a partir dos anos 2000. Além disso o Ministro do Meio Ambiente escolhido por Bolsonaro para cuidar das questões ecológicas, o empresário e deputado federal Ricardo Salles, é alvo de diversas investigações policiais, justamente por notórios crimes de desmatamento e contrabando de madeira, entre outras ilicitudes.⁴

No Brasil, em especial no campo da educação ambiental, dois dossiês merecem destaque, no que diz respeito à crítica e o aberto enfrentamento aos desmandos e ameaças à democracia pelo governo de extrema direita de Bolsonaro. O primeiro deles, publicado ainda em 2019 na revista *Quaestio*, organizado por Barchi (2019) e intitulado “As Educações Ambientais insistem e lutam: (re)existências, vivências, experiências”, que já diagnosticava os efeitos nefastos da governança de intenção totalitária contra o meio ambiente. Outra dessas coletâneas combativas à postura da extrema direita, foi a do dossiê organizado por Sánchez, Pelacani e Accioly (2020), publicada

com o tema “Educação Ambiental: Insugências, Re-existências e Esperanças” já no decorrer da pandemia em meados de 2020, pela Revista Ensino, Saúde e Ambiente.

Em relação à questão educacional, os ataques se deram não somente contra o papel exercido pelas universidades – em especial à formação de professores e às pesquisas no campo das Ciências Humanas e até na Saúde – e a criticidade no diagnóstico da realidade, mas principalmente contra um dos principais expoentes históricos da educação brasileira e latino-americana, que é Paulo Freire. A verborragia foi tamanha – inclusive por parte de Bolsonaro, que já no primeiro ano na presidência, chegou a chamar o pensador pernambucano de “energúmeno” – que liminares judiciais foram proferidas, em 2021, ano do centenário de Paulo Freire, impedindo manifestações de vilipêndio ou ofensa à sua memória.⁵

Sobre a política e a postura em relação à educação no governo Bolsonaro, não faltaram análises críticas, ácidas e opositoras, em especial ao seu aspecto neofascista, como no caso do dossiê “(Neo)Fascismos e Educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil” (Rebuá; Costa; Gomes, Chabalgoity, 2020). Sobre o ataque à Paulo Freire – e conseqüentemente, em sua defesa - alguns registros e pesquisa foram produzidos desde 2019, como o de Lima, Costa Neto e Silva (2021), que foca, especialmente, no potencial transformativo da proposta de Freire, e na recusa dos setores políticos econômicos que apoiam o conservadorismo e neofascismo bolsonarista. E também o texto de Beck e dos Santos (2022), que expõe o conflito entre o pensamento neoconservador brasileiro e as propostas pautadas no pensamento educacional freireano. Além do impactante ensaio de Marcos Reigota (2021), “Fragmentos de Havana: ‘Al final de este viaje...’ com Nita e Paulo Freire”, no qual se sugere que

⁴ [Ricardo Salles é investigado por esquema de exportação ilegal de madeira; entenda.](#)

⁵ [Por que trabalho e legado de Paulo Freire são alvos de tanta desinformação?](#)



as ações da extrema direita brasileira são obliterantes brutais da ética e dos sentidos.

Portanto, enfatizamos adiante as críticas feitas pelas imagens que caricaturam o ex-mandatário brasileiro, não somente aquelas que o relacionam ao palhaço Bozo, mas as que denunciam de forma mais impactante o desprezo do seu governo aos campos da educação e do meio ambiente, e também as críticas ao maltrato feito pela governança brasileira de extrema direita à saúde pública. Em especial durante a pandemia de COVID-19, como bem documentado por Guerreiro e Almeida (2021) e Matos (2021), ao relacionarem essa prática política como fundamentalista, negacionista e neofascista. Assim como é necessário lembrar o apelo teocrático neopentecostal dos discursos bolsonaristas, e que deram o tom da pauta dos costumes alinhados ao autoritarismo e à anti-democracia, criticados pelas páginas imagens a seguir, e que também foram abordados por investigações como as de Franco e Maranhão Filho (2020a; 2020b), sobre as mazelas da religiosidade num Estado laico; e a de Almeida (2019), sobre o evangelismo conservador e a sua associação à extrema direita.

As críticas ao ex-mandatário, e sua recente vinculação ao palhaço Bozo, presentes nas imagens das capas e cartazes da Música Extrema brasileira entre 2013 e 2022, em especial nos últimos quatro anos desse período, são parte de um modo peculiar de educação ambiental, pois a Música Extrema, apesar de teu caráter político, social, ecológico e educativo, não se submete àquilo que podemos chamar de educação formal, pelo teu próprio caráter não-institucional, e em grande parte anárquico e de resistência. A potência e a ação ambientalmente educativas da Música Extrema, como já sugerimos em outros momentos (Barchi, 2021a, 2021b), é nômade, descentrada, minoritária

e não-cooptável. Os modos de subjetivação que ocorrem na Música Extrema, e a partir dela, estão muito mais intensos na imersão que os indivíduos e coletivos fazem no movimento, e na circulação de suas letras, imagens, mensagens e sentidos.

Portanto, para além das críticas em educação e meio ambiente que essas imagens carregam, na crítica feita a Bolsonaro, e no vínculo que fazem entre ele o palhaço Bozo, na promoção da destruição da educação e do meio ambiente, há o potencial o exercício educativo nas mesmas, que não circulam nas redes e nos movimentos isoladamente. Há todo um debate, muitas vezes violento, entre aqueles que concordam com o teor da crítica, e quem entende a crítica somente como forma de desestabilização da governança e difamação do mandatário.

As imagens que trazemos fizeram parte de uma apresentação feita em outubro de 2022, junto às e aos colegas do Doctorado em Educación, Arte y Cultura, da Universidad Autónoma “Benito Juárez” de Oaxaca, no México, no âmbito de nossa participação como convidado externo do programa; e também de uma conversa com as alunas e alunos do curso de Sociologia da Universidad Autónoma Metropolitana Xoxhimilco, a convite da Professora Doutora Miriam Calvillo, no mês de setembro de 2023. Em ambas, nos propusemos a contar o surgimento e desenvolvimento da Música Extrema, a partir dos anos 80, ao redor do mundo e no Brasil, os discursos ecologistas presentes nessas variantes do Punk Rock e do Heavy Metal, e, por último, como ocorreram as manifestações contrárias ao governo de Bolsonaro, entre 2019 e 2022.



Imagens da combatividade ecológica, educativa e política da Música Extrema

As ilustrações críticas que trazemos aqui e que circularam contra Jair Bolsonaro nas redes da Música Extrema, não são todas relacionando o ex-presidente ao palhaço Bozo. Na verdade, trouxemos somente duas, que circularam no início do mandato, e foram justamente pivô ou de ações judiciais, ou de cancelamento de show e de eventos de uma banda que viria ao Brasil. As outras imagens são também de extrema brutalidade contra as

intenções e o mandato da extrema direita, mas não de uma vinculação direta ao palhaço.

É o caso da capa da coletânea “*Satan Smash Fascism*”, lançada ainda em 2018, quando a pré-campanha eleitoral já estava a todo vapor, e Bolsonaro se mostrava com grande popularidade. A arte é emblemática, e mostra a figura do ex-presidente, vestido com uma farda militar e uma tarja do movimento integralista brasileiro,⁶ sendo levantado por um gigantesco demônio vermelho de olhos verdes. Ao fundo, a imagens são de igrejas queimando, sendo que a maior delas tem sobre seu teto um enorme crucifixo invertido, símbolo

Figura 3. Capa da coletânea de bandas de Música Extrema do Brasil, chamada “*Satan Smashes Fascism*”, lançada em abril de 2018.



Fonte: [discogs.com-Variou, Satan Smashes Fascism.](https://www.discogs.com/Variou.../Satan-Smashes-Fascism/)



das bandas cujas letras e imagens mais evocam as questões do inferno e do diabo, como muitas de *death metal* e basicamente todas de *black metal*.

Lançada por um movimento chamado MRU (Movimento Resistência *Underground*), a coletânea contou com uma série de grupos que há muito tempo se destacavam no cenário da Música Extrema do Brasil, e que a partir da participação na coletânea, assumiam abertamente – visto que as perspectivas antifascistas dos conjuntos até então não tinham um inimigo tão direto como se mostrou Bolsonaro e seus seguidores neofascistas – uma postura política deliberadamente contrária à extrema direita, o que até então não incomodava muitos dos membros do *underground* brasileiro. Se o Violator já havia se manifestado anti-Bolsonaro, grupos como Vulture, Vingador, Obskura, Terror Revolucionário, Agnideva, entre outras, se alinhavam diretamente à primeira, numa declaração aberta de guerra à presença de membros da extrema direita no *underground* brasileiro. O MRU vendia o CD da coletânea junto a camisetas com a imagem da capa.

Neste sentido é que o conjunto de imagens a seguir é tão pertinente, pois são justamente de camisetas que foram comercializadas por três bandas da Música Extrema brasileira, entre 2016 e 2022, e também barbarizaram a imagem do ex-presidente brasileiro. A primeira é da já citada Violator, de *thrash metal*, e as duas seguintes são de grupos *grindcore*. Uma do Ceará, chamada Facada, e outra dos paulistas do Rot.

6 O Movimento Integralista Brasileiro, surgido nos anos 30, tinha inspiração no movimento fascista de Mussolini, depois se alinhando ao nazismo de Hitler. Seu principal símbolo era a letra grega sigma (Σ), colocada nas tarjas dos uniformes dos membros, em uma imitação simplória da suástica dos braços nazistas. O lema “Deus, Pátria e Família” foi amplamente gritado por Bolsonaro e seus seguidores, tornando-se alvo da ira dos movimentos da Música Extrema brasileira.

Figura 4. Camisa da banda Violator.



Fonte: Acervo próprio de imagem salva do Facebook, antes do bloqueio devido à violência explícita da mesma.

A arte foi desenhada por um dos fãs da banda, e mostra Jair Bolsonaro se dando um tiro na boca. Abaixo, os escritos “Vai Bolsonaro, mitifique-se de uma vez!”. Desde antes da campanha eleitoral, os admiradores do político o chamavam de “mito”, devido sua verbosidade e ausência de decoro, no que dizia respeito ao trato com aqueles que ele não prezava. Lembrando que entre estes, estavam povos originários, comunidades quilombolas, ribeirinhos, camponeses, membros da esquerda, admiradores de Paulo Freire, feministas, LGBTQIAP+, entre outros. Portanto, ao usar o termo “mito” na ilustração, o Violator sugeria que Bolsonaro se matasse, de forma que repetisse o que fez o ex-presidente brasileiro Getúlio Vargas, que se suicidou em 1954, deixando uma carta na qual dizia que “sairia da vida para entrar na história”.

Muitos admiradores do Violator, e até quem nunca tinha ouvido falar na banda, compartilharam a imagem na rede Facebook, que passou



a bloquear as postagens – alegando banalização da violência e apologia do suicídio – e também a suspender temporariamente os usuários da rede que incidissem com o compartilhamento. A figura a seguir é justamente de arquivo baixado da página do grupo, mas que foi excluído pela rede.

Se entre os conjuntos de *thrash metal* a temática política, social e ecológica não é uma unanimidade nas letras e imagens de capas, entre as bandas *grindcore* de escopo anarquista, isso é diferente. É o caso dos paulistas do Rot, na ativa desde 1990, e que durante a pandemia perderia, devido justamente à COVID-19, um dos mais emblemáticos membros

do *underground* brasileiro, o baixista Alex Bucho. A camiseta que lançaram, meses após o ocorrido, traz um mosaico de imagens flamejantes, tendo no canto esquerdo da mesma, a figura de Bolsonaro sorrindo, com um quepe nazista na cabeça, e com os dois olhos substituídos pela suástica nazista.

Outra camisa cuja arte circulou nas redes e nos shows do *underground* foi da banda cearense de *grindcore* Facada, que existe desde 2003. Mas o atentado ao então candidato à presidência Jair Bolsonaro –que tomou uma facada na cidade de Juiz de Fora, no Estado de MG, sendo um fato que deu ampla circulação sua imagem– em setembro

Figura 5 – Imagem de divulgação da venda da camiseta do Rot.



Fonte: Página do Facebook do Rot.



de 2018, ressignificou completamente o sentido do nome do grupo. Que passou a se aproveitar do fato tanto para divulgar seu material, quanto para reforçar o caráter antifascista do conjunto. Uma das camisetas mostra o rosto de Bolsonaro apodrecido, e a outra mostra uma mescla entre os rostos de Adolf Hitler com o do ex-presidente brasileiro, com uma suástica cravada na testa.

No entanto, se o conjunto Facada existe desde a década retrasada, e o atentado às vésperas das eleições deu a ele uma repercussão inesperada, não foi o mesmo em relação ao festival organizado em 2019 na cidade de Belém, no Estado do Pará. O

qual, apesar de contar com o nome “Facada Fest” desde 2017, ganhou enorme repercussão nacional e consequente duplo cancelamento, devido ao cartaz de aberto enfrentamento ao então presidente:

A imagem é uma das mais violentas e emblemáticas da indignação no *underground*, visto que é um cartaz de festival *punk/hardcore*, e traz o palhaço Bozo, com uma faixa presidencial brasileira com o número 171 escrito – cujo número, em gíria popular, significa enganação e/ou fraude – e empalado por um lápis, em uma nítida alusão à consternação promovida pelo sucateamento da educação no governo Bolsonaro, já em seus

Figura 6. Banca em show com três camisas do Facada em destaque.



Fonte: Página do Facebook da banda.



primeiros meses. Como resultado, os organizadores do evento foram autuados pela justiça brasileira, o Ministério Público Federal indiciou os mesmos, sendo cancelado o festival. O então ministro da Justiça Sérgio Moro,⁷ pessoalmente, tomou frente das investigações contra o evento, e foi acusado de promover a censura e perseguição contra os opositores de Bolsonaro.

Para além do caráter transgressor e de resistência no punk, como sugere o trabalho de Pilz e Alberto (2021) ao discutir dos cartazes do Facada Fest, essa posição dos movimentos alternativos brasileiros, expostos nas capas e cartazes, é a constituição de uma força política que, longe de ser exclusivamente reativa, há muito tempo propõe outras formas de vida e existência, que não estão somente presentes na música e nos encontros, mas na própria promoção de formas outras de existência. Utilizando aqui a noção de Hardt e Negri (2018), os encontros *punk/hardcore/grindcore* não são somente mais shows musicais carregados de transgressão e resistência –apesar de ainda e também o serem–, mas verdadeiras assembleias políticas, onde o comum vem à tona.

A imagem do palhaço Bozo não esteve somente associada ao próprio ex-presidente Bolsonaro, mas também aos teus seguidores. O artista brasileiro Cristiano Suarez foi contratado para fazer o cartaz do clássico conjunto estadunidense de *punk rock* Dead Kennedys, e utilizou toda sua criativa criticidade para fazer jus ao caráter anárquico e contestador do movimento e da música. O cartaz gerou enorme polêmica, e a

banda acabou cancelando os shows no Brasil, que seriam no primeiro semestre de 2019, devido à repercussão do cartaz.

Figura 7. Cartaz de divulgação do “Facada Fest” de 2019.



Fonte: g1.globo.com [Artistas de festival punk do para sao investigados por suposta apologia a violencia contra bolsonaro.](#)

⁷ Juiz responsável pelo julgamento e condenação de Luis Inácio Lula da Silva às vésperas da eleição presidencial brasileira de 2018, fazendo com que seu vice na chapa, o ex-ministro da educação Fernando Haddad, fosse o candidato oficial, mesmo sem ter o mesmo carisma e personalidade conhecida de Lula. Os processos contra Lula

foram anulados pelo Supremo Tribunal Federal do Brasil em 2021, e Lula foi solto e eleito em 2022. O ex-juiz Moro tornou-se Ministro da Justiça de Bolsonaro, mas rompeu com o mesmo em 2020. Foi eleito senador pelo Estado do Paraná em 2022, hoje é oposição ao governo do Partido dos Trabalhadores, e é investigado pelo sistema judiciário brasileiro, devido às fraudes no processo contra Lula.



Figura 8. Cartaz produzido por Cristiano Suarez para o show do Dead Kennedys no Brasil, em 2019.



Fonte: g1.globo.com [Dead Kennedys cancela shows no Brasil após polêmica com pôster.](#)

8 A camiseta oficial do uniforme n.1 da seleção brasileira de futebol é amarela, com o símbolo da Confederação Brasileira de Futebol na parte superior esquerda. Essa camisa foi utilizada amplamente desde os manifestos contra o governo do Brasil em 2013, pela extrema direita, e desde então, passou a ser obrigatória em todos os manifestos contra o Partido dos Trabalhadores mas, principalmente, nos atos de apoio a Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018, nos atos de defesa do então presidente durante sua gestão, e, principalmente, pelas pessoas que ficaram acampadas na frente dos quartéis gerais do Brasil a partir da derrota de Bolsonaro em 30 de outubro, no segundo turno da eleição presidencial, e pelos invasores e destruidores dos prédios dos Três Poderes, em Brasília, em 08 de janeiro de 2023.

Este desenho reproduziu boa parte das sensações sentidas pelos integrantes da Música Extrema brasileira, durante o Governo Bolsonaro. Na parte inferior há três tanques de guerra, sobre poças de sangue, e com bandeiras vermelhas saindo dos canhões com círculos brancos ao meio, e com um cifrão preto ao centro – numa outra alusão direta à relação entre nazismo e capitalismo. Sobre os tanques, em um primeiro plano, quatro pessoas, nitidamente um casal e dois filhos, com rifles em mãos. Os quatro tem maquiagem de palhaço, sendo que o cabelo do pai e o nariz são idênticos aos do palhaço Bozo. Estão com o uniforme da seleção brasileira de futebol, sendo que a mulher tem uma faixa no braço direito com o mesmo símbolo integralista da imagem do Bolsonaro na Figura 3.

O brasão da Confederação Brasileira de Futebol⁸ foi trocado por uma cruz branca em fundo azul, enquanto palhaços Bozo saem das escotilhas dos tanques. Ao fundo, encapuzados da KuKluxKlan marcham, a favela pega fogo, e uma bomba atômica explode, enquanto o menino mais velho anuncia, conforme a tradução do balão “Eu adoro o cheiro de pobre morto pela manhã!”, numa alusão direta aos dizeres do filme *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola: “Eu adoro o cheiro de napalm pela manhã!”. A imagem caricaturou não somente o ex-presidente como palhaço Bozo, mas todo homem branco chefe de família, que através do voto e apoio em Bolsonaro, quer impedir que a sociedade tenha características culturais, afetivas, políticas, religiosas, econômicas e hierárquicas diferentes daquela que julga as mais corretas e divinas.

Após cancelamento do show pela própria banda –que foi tachada de covarde por muitos fãs no Brasil – uma série de conjuntos brasileiros se apropriou da arte, e passou a divulgar shows e álbuns com o mesmo cartaz feito por Cristiano Suarez, apenas com a troca do nome Dead Kennedys por Ratos de Porão, Cólera, entre outros expoentes punks.



A outra obra do mesmo artista, no âmbito da Música Extrema, foi a produção da capa do álbum “Pandemia”, do Dorsal Atlântica, da cidade do Rio de Janeiro. É uma das bandas de *thrash metal* mais antigas do mundo ainda em atividade, tendo sido criada em 1981, que sempre teve na crítica social e política um dos pilares de suas temáticas. O álbum “Pandemia”, lançado em 2021, trata, em todas as composições, da governança da extrema direita no país, e denuncia o genocídio promovido pelo escárnio que Jair Bolsonaro fez do combate à doença, promovendo a morte de mais de setecentas mil pessoas desde março de 2020:

A arte é aterradora. Assim como no cartaz do show do Dead Kennedys, o desenho que Suarez faz para o Dorsal Atlântica é carregado de fogo, e das cores vermelha e amarela, num acentuado apontamento para as queimadas nas reservas ambientais brasileiras, especialmente no Pantanal, na Amazônia e no Cerrado. Aliás, a criação das paisagens infernais no Brasil foi uma constante nos quatro anos de Governo Bolsonaro (Barchi, 2023).

Há quatro grandes pavimentos em destaque nesta ilustração, na qual debaixo para cima aparecem lobos, chimpanzés, gorilas e jumentos. E apesar de

Figura 9. Capa do álbum “Pandemia” (2021), do Dorsal Atlântica.



Fonte: roadiecrew.com



nossas críticas ao uso de animais para simbolizar negativamente alguém ou algum grupo, sendo atualmente mais um desserviço à questão ecológica radical do que um movimento que leve ao pensamento – e aqui nos alinhamos às perspectivas de Fausto (2020) e Despret (2021) sobre a existência de políticas e de pensamentos animais – sobre a hecatombe ambiental, o que é preciso ser percebido aqui é a acidez com a qual a gravura representa o exercício de governança brasileiro, em especial na gestão da extrema direita.

No primeiro pavilhão, na parte de baixo, há lobos de olhos vermelhos, em meio a rochas e florestas em flamas, cujo conjunto parece dois Cérberos em frente aos portões do Hades grego. Aqui também a alusão ao inferno é representada pela queima das florestas, cuja imagem aparece à direita da parte inferior da capa do “Pandemia”. Essa associação do inferno imanente em nosso redor às queimadas – e outras hecatombes ambientais – foi feita por nós (Barchi, 2023), ao sugerirmos que para além de Antropoceno ou Capitaloceno, o que vivemos, na verdade, é a expansão das paisagens infernais, numa situação que preferimos chamar de Infer(ce)no.

Acima dos lobos, chimpanzés vestidos de uniformes militares verdes, os associando aos soldados militares de baixa patente, com olhares raivosos e combativos. Acima deles, estão gorilas, vestidos com uniformes de oficiais de alta patente das Forças Armadas brasileiras, e que ostentam os seus braços com tarjas vermelhas, com um círculo branco, e um símbolo semelhante à suástica.

Na parte superior da ilustração, no último pavimento, há três jumentos. Também de olhos vermelhos e feições furiosas – como todos os animais da imagem – sendo que há dois em segundo plano, e um protagonista. Um dos que está e segundo plano, ostenta uma coroa imperial,

numa alusão clara à monarquia brasileira, cujos descendentes deram amplo apoio à governança de extrema direita, e que ainda mantém um movimento político de retorno aos tempos de Brasil Império (1822-1889).

O outro dos jumentos à direita, está utilizando uma farda laranja, e que também tem, quase que escondida, uma tarja vermelha no braço direito, que está abaixado, e com o braço esquerdo faz uma saudação em riste, típica das manifestações nazistas da Alemanha hitlerista. Os dentes dos jumentos estão afiados e todos os animais da ilustração estão babando. A representação da figura do jumento no Brasil, no senso comum mais básico – e para além da sua presença cultural na história cotidiana brasileira, como o belo manifesto contra o massacre dos jumentos no Brasil do século XXI, escrito por Mól (2022) nos traz – é de animal estúpido, intransigente e teimoso, sendo assim representado o presidente e os militares e políticos mais próximos.

Considerações finais

Não foi somente no âmbito da Música Extrema que a circulação de imagens satíricas, críticas e até ofensivas ao governo de Jair Bolsonaro ocorreu. As redes sociais dos partidos e movimentos de esquerda fizeram proliferar as charges, GIFs e cartazes contra a política de extrema direita no Brasil.

No entanto, pelas perspectivas iconoclastas, anticlericais, de apoio às pautas LGBTQIAP+, antirracistas, antifascistas, feministas, antimilitares e antibelicistas, ecológicas, camponesas e periféricas que sempre pautaram boa parte das temáticas dentro da Música Extrema –especialmente das vertentes advindas do punk anarquista, como *grindcore*, *mincecore*, *crustcore* e *hardcore*,



entre outras– nas últimas quatro décadas, fizeram com que as críticas a um político de grande popularidade fossem brutais e violentas, como aquelas que associaram Bolsonaro ao nazismo, ou sugeriram seu suicídio.

Quando a imagem do Bozo foi associada ao ex-presidente e se deu ou de forma quase barbária – sugerindo seu empalamento com um lápis – ou contundentemente provocativa aos seus apoiadores, os tratando também de palhaços e fascistas. Foram considerados responsáveis pelas diversas tragédias ecológicas que se abateram no Brasil nos anos de sua governança, principalmente por causa da virulenta crítica às pautas ambientais, sociais e educacionais realizadas desde a aparição de Bolsonaro na política brasileira, ainda no início dos anos 90.

Ao se referir à Bolsonaro como palhaço Bozo, jumento ou fascista, a Música Extrema não o fez porque tinha o mesmo afeto e paixão pelas pautas da esquerda institucional brasileira, saudosa dos dois mandatos de Lula (2003-2010), ou mesmo porque queriam se tornar um outro movimento partidário alinhado ou independente, que buscasse o poder.

Nascida da crítica brutal ao Estado, ao capital, às igrejas e às hierarquias, a Música Extrema brasileira, ao chamar Bolsonaro de estúpido, palhaço e até nazista, o fez, porque ela também é herdeira dos movimentos culturais brasileiros que sofreram na ditadura brasileira (1964-1985). As primeiras bandas de metal e punk surgiram no começo dos anos 80, e sabiam que, apesar da fragilidade da democracia liberal capitalista que se faz no Brasil desde o fim dos governos militares, um retorno a uma perspectiva totalitária deveria ser combatida a todo custo. Ditadura que associada a movimentos religiosos fundamentalistas, poderiam ser um problema para a existência dos conjuntos, dos shows, e das próprias subjetividades.

Referências

- ABRAHÃO e SOUSA, L.; GARCIA, D. A. (2020). Dizeres de uma quarentena: depressa as fachadas gritam. Em: *Revista Linguagem*, São Carlos, v.35, Número Temático COVID-19, set., 1-30.
- ALCÂNTARA, M. O. de (2021). Anarchopunk e tecnologias sociais de resistência: antirracismo e subversão da branquitude na música do grupo Aus Rotten. In: Barchi, R. (org.). *Diálogos com a música extrema*. Porto Alegre: Editora Fi, 121-152.
- ALMEIDA, R. D.. (2019). Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP*, 38(1), 185–213. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010010>
- ARAÚJO, A. A. O.; Sobrinho, G. A. (2011). O Saco de Risada e Tudo Mais no Liquidificador: A Invenção Televisiva de Hermes e Renato. Em: *Iniciacom: Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social*, v. 3, 01-25. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/615>
- BAHY, C. (2022). Lugar de mulher é onde ela quiser inclusive no metal extremo: mulheres, metal extremo, transgressão e resistência. In: Bahy, C.; Passos, C.; Khalil, L. M. G.; Barchi, R. (orgs.) *Música Extrema: ruídos, imagens e sentidos*. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 75-93.



- BARCHI, R. (2019). Apresentação - Dossiê temático. Em: *Quaestio - Revista De Estudos Em Educação*, 21(1). Recuperado de <https://uniso.emnuvens.com.br/quaestio/article/view/3595>
- BARCHI, R. (2021a). O que a música extrema tem a dizer às educações?. In: Maria Letícia Briseño Maas; Abraham Nahón; Lorena Córdova-Hernández; Alda Regina Romaguera. (Org.). *Arte, educación y diversidad transcultural: prácticas creativas, identidades y conocimientos comunitários*. Oaxaca: UABJO, ABL, CIIIE, 95-114.
- BARCHI, R. (2021b). O que a música extrema tem a dizer às ecologias?. In: Rodrigo Barchi. (Org.). *Diálogos com a Música Extrema*. Porto Alegre: Editora Fi, p. 221-246.
- BARCHI, R. (2023). As ecologias e as trevas: educações ambientais no Infer(ce)no. Em: *REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 40(2), 11–35. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v40i2.15063>
- BECK, D. F., & dos Santos, R. B. (2022). O conflito do neoconservadorismo brasileiro com Paulo Freire: a disputa entre a opressão e a autonomia. Em: *EccoS – Revista Científica*, (60), e14824. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n60.14824>
- DESPRET, V. (2021). *O que diriam os animais?* Trad. Letícia Mei. São Paulo: n-1 edições.
- FAUSTO, J. (2020). *As cosmopolíticas dos animais*. São Paulo: n-1 edições.
- FONTELLE, I. A.. (2002). O mundo de Ronald McDonald: sobre a marca publicitária e a socialidade midiática. Em: *Educação E Pesquisa*, 28(1), 137–149. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100010>
- FONTELLE, I. A.. (2006). Ilusões de modernidade: o fetiche da marca McDonald's no Brasil. Em: *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 38–46. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000200006>
- FRANCO, C. de; Maranhão Filho, E. M. de A. (2020a). A teocratização, privatização e militarização no Governo Bolsonaro: perspectivas anti democráticas e contrárias à educação. Em: *Mandrágora*, 26(1), p. 203-224. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v26n1p203-224>
- FRANCO, C. de; Maranhão Filho, E. M. de A. (2020b). Um Estado “terrivelmente cristão” e privatizados: a opressão à Educação em Direitos Humanos no Governo Bolsonaro. Em: *Est. Teol.*, 60(1), p. 133-155. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i1.3909>
- GONÇALVES, C. A. (2020). Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. Em: *Gragoatá*, 25(52), 648-687. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v25i52.40810>
- GUERREIRO, C., & Almeida, R. de. (2021). Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. Em: *Religião & Sociedade*, 41(2), 49–74. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap02>
- GUTMANN, Juliana Freire (2014). Quando ruptura é convenção: o programa Gordo a Go-Go como espaço de experiência do talk show. Em: *Contracampo*, v. 31(1), dez./mar. 60-78. Disponível em: <https://doi.org/10.5327/Z22382577201400310702>
- HARDT. M.; Negri, A. (2018). *Assembly: A organização multitudinária do comum*. Trad. Lucas Carpinelli, Jefferson Viel. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2018.
- LIMA, M. J. D. de; Costa Neto, F. A. da; Silva, C. N. M. da (2021). Ataques à educação: um olhar sobre as críticas que o



- educador Paulo Freire vem sofrendo do atual Governo Bolsonaro. Em: *Revista Educação em Debate*, 43(85), maio/ago., p. 58-74.
- LIMA, P. E. F. (2023). Um presidente e vários palhaços: atravessamentos entre arte e política na imagem “Bolsonaro-Bozo”. Em: *Visualidades*, 20. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/v.v20.71243>
- LOPES, C. B.; Melo, F. D. (2022). Ratos de Porão e o disco Brasil: “ame-o o deixe-o” ou o passado presente. In: Bahy, C.; Passos, C.; Khalil, L. M. G.; Barchi, R. (orgs.) *Música Extrema: ruídos, imagens e sentidos*. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, p. 94-110.
- MATOS, M. C. de (2021). O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos da pandemia da Covid-19. Em: *Humanidades & Inovação*, 8(35), 25-35. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0003-2425-9802>
- MCLELLAN, Dennis (2009). Alan W. Livingston dies at 91; former president of Capitol Records. In: *Los Angeles Times*, 14 mar. 2009. Disponível em: <https://www.latimes.com/local/obituaries/la-me-alan-livingston14-2009mar14-story.html>
- MERCURI, Karen Tank. Luladrão e Bolsonazi: um estudo do neologismo como recurso avaliativo em mídia social. Em: *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 303-317, mai./ago. 2022.
- MÓL, S. (2022). El Tiempo y los burros . En: *Revista Latinoamericana De Estudios Críticos Animales*, 9(2). Recuperado a partir de <https://revistaleca.org/index.php/leca/article/view/381>
- OLIVEIRA, S. R. de; Brayner, T. N.; Feminilidades extremas: gênero, subjetivação e resistência nas letras de autoria de mulheres no metal extremo. Bahy, C.; Passos, C.; Khalil, L. M. G.; Barchi, R. (orgs.) *Música Extrema: ruídos, imagens e sentidos*. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 344-370.
- PILZ, J. & Pereira Alberto, T. (2021). Facada Fest e um ethos impresso do rock: ressonâncias da transgressão e da resistência do gênero musical através do pôster do festival. MusiMid: Em: *Revista Brasileira De Estudos Em Música E Mídia*, 2(1), 160–181. Recuperado de: <https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/48>
- REBUÁ, E.; Costa, R.; Gomes, R. L. R.; Chabalgoity, D. (2020). *(Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- REIGOTA, M. (2021). Fragmentos de Havana: “Al final de este viaje...” com Nita e Paulo Freire. In: FREIRE, Ana Maria Araújo. *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SÁNCHEZ, C., Pelacani, B., & Accioly, I. (2020). Editorial Educação Ambiental: Insurgências, Re-Existências E Esperanças. Ensino, Saúde E Ambiente. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/resa2020.v0i0.a43012>
- SCIENZA, R. (2021). O antipátria: ensaio de uma transvaloração dos valores no Black Metal. In: Barchi, R. (org.). *Diálogos com a música extrema*. Porto Alegre: Editora Fi, 153-220.
- SILVA, Rosimeire Gonçalves da (2015). *Categorização estética da pessoa: uma análise comparativa entre as celebridades palhaço Bozo e padre Marcelo Mendonça Rossi*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes. São Paulo.
- SILVA, D.S.da, & Cavalcanti, M.D.C.G.P.(2022). Entre fakes e fatos: efeito Pinóquio no discurso mobilizado pelo presidente Bolsonaro na ONU. Em: *Discursividades*, 10(1), e1012204. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/256399.10.1-2>
- TARDELLI Filho, F. A. (2021). Do it ourselves, together, as working class: thrash metal e luta de classes. Barchi, R. (org.) *Diálogos com a música extrema*. Porto Alegre: Editora Fi, 67-95.

